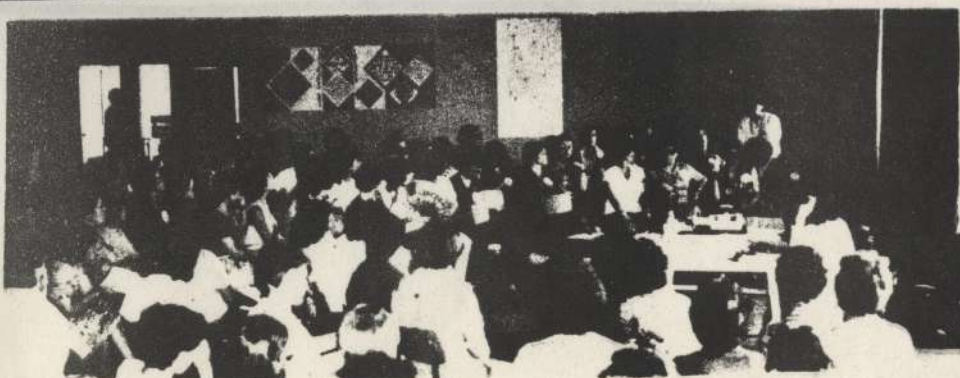




REDE E NÓ(S)



No dia 29 de Outubro o jornal matutino "Portugal Hoje" deu à página em grandes manchetes uma notícia sensacionalista, aviltante e insinuada, sobre a Rede das Mulheres. Da sua leitura atenta pode-se verificar que quando os vários poderes instituídos fracassam na missão a que se comprometeram perante um povo, receiam que outras forças sociais se auto-organizem na tentativa de encontrar respostas para os seus sonhos, inquietações e necessidades. Assim, é essencialmente uma razão de carácter político que está na base do lançamento em tom escandaloso de tal notícia, uma vez que é insinuado nesse jornal a possibilidade da formação de um novo partido, desta feita um "partido feminino" e liderado por Maria de Lurdes Pintasilgo, figura grata ao povo português, que os invejosos têm tentado denegrir por todas as formas. A técnica utilizada por esse jornal e depois ainda por outros, como se pode verificar, foi a técnica ancestral do "machismo" mais primário, que é ainda em última análise, o único meio que os políticos da nossa praça têm ao seu alcance, quando saímos do "gineceu" onde há milénios nos tentam emparedar, para virmos publicamente dizer o que queremos e propôr outra forma de viver em sociedade. Mas essa arma já tão velha e caduca não produziu o efeito desejado. Em vez de nos ridicularizarem, saíram eles ridículos, em vez de nos silenciarem agudizaram a nossa vontade de falar, em vez de nos reduzirem a pó provaram que somos uma força. Ninguém tem medo do que não existe! Verificámos então que as nossas palavras há tanto tempo contidas eram e são palavras preñes de intuições verdadeiras, de propostas reflectidas e até mesmo, preñes de sabedoria. Aproveitámos assim, todos os meios que foram surgindo, (desde a curiosidade jornalística ao repto lançado por nós próprias ao meios de comunicação social para que nos ouvissem) para repormos a verdade dos factos. Daí a série de notícias que foram saindo, embora sempre parcelares, a reflectir esse nosso esforço.

Resultado evidente que os objectivos desse jornal saíram logrados, está no número de presenças no encontro da região Centro/Sul que se realizou em Lisboa no dia 7 de Novembro, uma semana após o acontecimento; nos telefonemas e cartas que algumas de nós têm recebido de mulheres a manifestarem o desejo de entrar em contacto com a Rede, havendo até alguém que se dirigiu ao jornal "O Ponto" igualmente a perguntar a forma de entrar em contacto connosco. Que mais dizer? As notícias estão aí para que cada uma possa fazer também os seus comentários.

O Grupo do Porto

Portugal HOJE

Quinta-feira, 29 de Outubro de 1981

Diário de grande informação



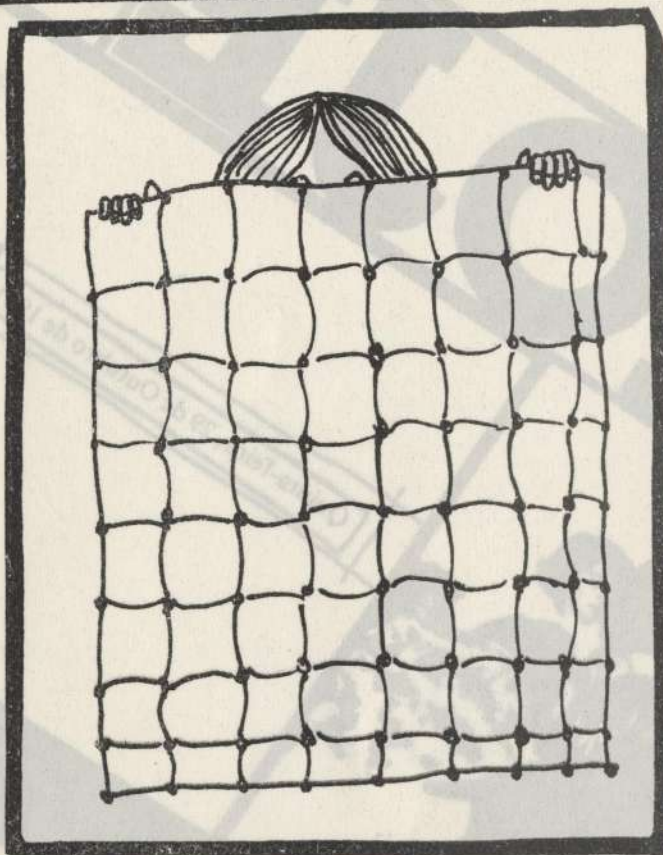
ponto

**PERGUNTAR
OFENDE?**

Terá sido da sede central do Partido Socialista que telefonaram para a sede de Braga a conferência de Maria de Lourdes Pintasilgo no local?
29/10 A 4 DE NOVEMBRO DE 1981

A actividade política de Lurdes Pintasilgo REDE DE MULHERES ALASTRA NO NORTE

As «Julinhas» vão desenvolvendo reuniões e perspectivando um relançamento da rede
Documento exclusivo na última página



Uma estranha organização feminina

A «rede de mulheres», em que pontifica Maria de Lurdes Pintasilgo, parece estar a conseguir uma interessante adesão no Norte do País. Na pista de uma série de reuniões, mais ou menos secretas, os repórteres do «PH» averiguaram que o antigo primeiro-ministro dispõe de uma autêntica organização feminina — que no meio é conhecida por «a rede» — e está a desenvolver um «notável esforço de reflexão» com vista a encontrar soluções para os problemas da sociedade portuguesa.

A TARDE

"A Tarde" ouviu Ticha Vasconcelos Organização feminina cresce no País à sombra de Pintasilgo

Quinta-feira
29 de Outubro de 1981

• Trata-se de "qualquer coisa que não está definida"

"QUALQUER COISA QUE NÃO ESTÁ DEFINIDA..."

ORGANIZAÇÃO DE MULHERES CRESCER NO PAÍS SOB A ÉGIDE DE PINTASILGO

Jorge Serrão

«Centenas de mulheres de todo o País estão a ser envolvidas numa rede, ligada a Maria de Lurdes Pintasilgo (antiga Primeiro-Ministro)», disse, esta manhã, ao nosso jornal, no Porto, Teresa Vasconcelos, referindo-se ao teor da «manchete» do jornal «Portugal Hoje».

Quando contactámos Teresa Vasconcelos (que «PH» diz ser a principal animadora da rede na região Norte e que nos frizou que «aqui, não há principais animadoras») esta nem sequer tinha tido ainda conhecimento da notícia do matutino dirigido por João Gomes (PS).

Recusando qualquer ligação a partidos políticos ou movimentos, Teresa Vasconcelos disse-nos, a propósito da filosofia da referida rede de mulheres: «É qualquer coisa que não está definida e que, nem sequer, estamos muito interessadas em definir.»

Intitulado tal rede como «organização de mulheres, a que não queremos chamar movimento», a nossa fonte referiu o seu objectivo na «transformação do quotidiano em que estas mulheres estão envolvidas».

Recusando-se, para evitar especulações, a referir um número mais

preciso, para além das centenas, dos elementos femininos integrados no conjunto da rede, o nosso contacto definiria o papel da antiga Primeiro-Ministro como «um elemento da rede, que tem algo a transmitir às outras mulheres».

A possibilidade de tal rede puder vir a suportar um novo partido político, assim como o facto da organização ser constituída «exclusivamente por senhoras e meninas» («PH») foi-nos, por outro lado, desmentido, com firmeza e perplexidade.

Quanto ao pormenor, algo jocoso e amplamente desenvolvido pelo matutino lisboeta, de que a rede teria

«uma forma especial de se tratarem umas às outras: chamam-se *julinhas*», Teresa Vasconcelos diria que tal não passava de «um disparate».

Ao contactar, por escrito, um elemento da rede, que se chama Júlia, Teresa Vasconcelos encimava a carta com um «viva, Julinha». Como o «PH» tivesse obtido aquela carta, daí a ilacção («disparatada», segundo a nossa fonte) de que seria esse um tratamento organizativo.

A aludida carta, assinada por «Ticha Gonçalves» (expressão familiar do nosso contacto) refere «passos bem significativos, em termos de acontecimentos e da expansão» da rede de mulheres (entre aspas, na própria carta).

Por outro lado, aquela missiva anuncia, para 11 de Outubro, uma reunião, em Viana, para «preparar um encontro da área regional do Norte (distrito do Porto, Braga, Vila Real, Viana do Castelo e Bragança)», com a presença de Maria de Lurdes Pintasilgo.

Na sua edição de 29 de Outubro, o jornal "Portugal Hoje" publica, em primeira página, um artigo que, intitulado "Rede de Mulheres alastra no Norte", pretende "dar notícia" da "actividade política de Lurdes Pintasilgo". O jornal, servindo-se de uma carta reproduzida na última página, carta-convocação pessoal subtraída à sua destinatária, indica a "Rede" de mulheres como o embrião de um futuro partido político, insinuando haver rituais secretos e iniciáticos e generaliza o nome da destinatária da carta a todas as eventuais participantes nas actividades do grupo de mulheres em questão. Parece-nos estarem os autores de tal artigo, a atropelar, pura e simplesmente, um direito que o 25 de Abril e a Constituição Portuguesa conferem a qualquer grupo de cidadãos, sejam eles homens ou mulheres: o direito de reunião.

Atacando este direito, é a democracia e a liberdade que visam, é a auto-organização que estão a pôr em causa, é a organização autónoma das mulheres que parecem querer impedir, fechando os olhos à situação desfavorecida e difícil que elas vivem, ainda, no Portugal de 1981.

Evidentemente, "Portugal Hoje" visa, sobretudo, atacar Maria de Lurdes Pintasilgo, ataque que nos magoa e nos choca porque vindo, agora, de um sector de esquerda, e não já do "lado de lá", do lado dos que sempre lhe tiveram medo.

Seria ridículo tentarmos fazer, aqui, a defesa de Maria de Lurdes Pintasilgo, figura reconhecida nacional e internacionalmente, com provas dadas perante o país do qual esteve à frente num tão curto espaço de tempo. Apesar disso, sabemos que agiu mais, nesses dias, do que a maior parte dos seus antecessores e sucessores no cargo, e foi essa eficácia prática que muitos nunca lhe perdoaram. Como não lhe perdoaram o ter sabido pôr o dedo nas feridas deste povo, o ter-lhe conseguido falar na rua, o ter, de facto iniciado uma forma nova de fazer política, longe das conversas secretas de gabinete, perto da vida das pessoas comuns.

No fundo, o artigo do "Portugal Hoje" é uma tentativa de bloquear as próprias mulheres do PS que estão ou poderão vir a estar na "Rede", insinuando mentirosamente ser esta um "partido feminista". E como partido já existe o PS, e ele resolve tudo, as mulheres não têm nada que intervir enquanto mulheres. Mas nós entendemos a política de outro modo. As mulheres, com o seu sentido prático, recusam com facilidade a política feita e desfeita lá longe, nos corredores, nos encontros desencontros de dirigentes que falam... falam... Elas querem, já hoje, no quotidiano começar a construir alternativas concretas a uma vida que rejeitam porque difícil, desumanizada, pobre em todos os sentidos. Como as mulheres também os jovens se encheram dos conluíus de alta esfera, dos discursos vazios de sentido, e por isso vão agindo de outra forma, no quotidiano que desejam ver transformado.

MAS O QUE É, AFINAL, A "REDE"?

Por "rede", pode entender-se (e internacionalmente entende-se) um movimento social que não cabe no modelo organizativo dos partidos tradicionais, porque é móvel, não é rígido, são fios que se vão tecendo entre as pessoas, nós de solidariedade que se vão estreitando em conversas, reuniões, encontros, na divulgação e discussão de documentos de reflexão. É assim, de uma forma fluida, que esta "Rede" tem funcionado. Com pessoas que se vão conhecendo, que vão trocando os seus pontos de vista sobre o modo de ser mulher, aqui e hoje mas de o ser de forma criativa, transformadora, construindo, na prática uma alternativa ao que temos e não nos serve.

Perante a força e a convicção que nos animam, uma única arma poderia ser usada, a mesma que os homens têm utilizado desde há séculos para diminuir a energia e a razão que nos pertencem: o machismo. A troça mais desengraçada, as insinuações maldosas são velhíssimas e apenas revelam o medo e a falta de argumentos sérios por parte de quem as usa. Mas estes métodos hoje são inúteis. As mulheres avançaram, desde o 25 de Abril, pelo menos, muitos passos no sentido de uma situação digna. Não se deixa hoje aviltar por discursos ridicularizantes dos que querem entravar a sua união e dignificação. Elas sabem o que não querem e vão, lenta mas pacientemente, descobrindo o que querem e os caminhos para lá chegarem. Porque a solidariedade que as une, para além das diferenças de partido, de religião ou casta, são muito muito fortes. Estamos seguras de que serão cada vez mais a descobri-lo.

Porto, 30 de Outubro de 1981

Um grupo de mulheres da Rede de Mulheres

Animadas por Lurdes Pintasilgo

MULHERES CONSTROEM REDE PARA A SUA DIGNIFICAÇÃO

O trabalho de organização de mulheres que, nos últimos tempos, vem sendo levado a cabo por iniciativa de Maria de Lurdes Pintasilgo, ex-primeiro-ministro do V Governo Constitucional, tem provocado suspeitas e reacções em diversos sectores partidários, o que levou um grupo de mulheres envolvidas a vir a público explicitar os objectivos que perseguem.

Num comunicado tornado público, sublinham que a Rede (designação do movimento em questão) é um movimento social que «não cabe no modelo organizativo dos partidos tradicionais, porque é móvel, não é

rígido, são fios que se vão tecendo entre as pessoas, nós de solidariedade que se vão estreitando em conversas, reuniões, encontros, e na divulgação e discussão de documentos de reflexão». A Rede — acrescentam ainda — envolve «pessoas que se vão conhecendo, que vão trocando os seus pontos de vista sobre o modo de ser mulher aqui e hoje, mas de o ser de forma criativa e transformadora, construindo, na prática, uma alternativa ao que temos e não nos serve».

Referindo-se a ataques de que o movimento tem sido objecto ultimamente, por parte de certa imprensa, o comunicado frisa que, desde o 25 de Abril, as mulheres deram passos significativos no sentido da sua dignificação, pelo que «não se deixam hoje aviltar por discursos ridicularizantes dos que querem entravar a sua união e dignificação».

«Elas sabem o que não querem — acrescentam ainda — e vão, lenta mas pacientemente, descobrindo o que querem e os caminhos para lá chegar, por-

que a solidariedade que as une, para além das diferenças de partido, de religião ou de casta, são muito, muito fortes.»

Considerando que esses ataques são um atropelo a um direito que o 25 de Abril e a Constituição da República Portuguesa conferem a qualquer grupo de cidadãos, sejam eles homens ou mulheres (o direito de reunião), as mulheres da Rede escrevem, a dado passo:

«Atacando esse direito, é a democracia e a liberdade que visam, é a auto-organização que estão a pôr em causa, e a organização autónoma das mulheres parecem querer impedir, fechando os olhos à situação desfavorecida e difícil que elas vivem ainda, no Portugal de 1981.»

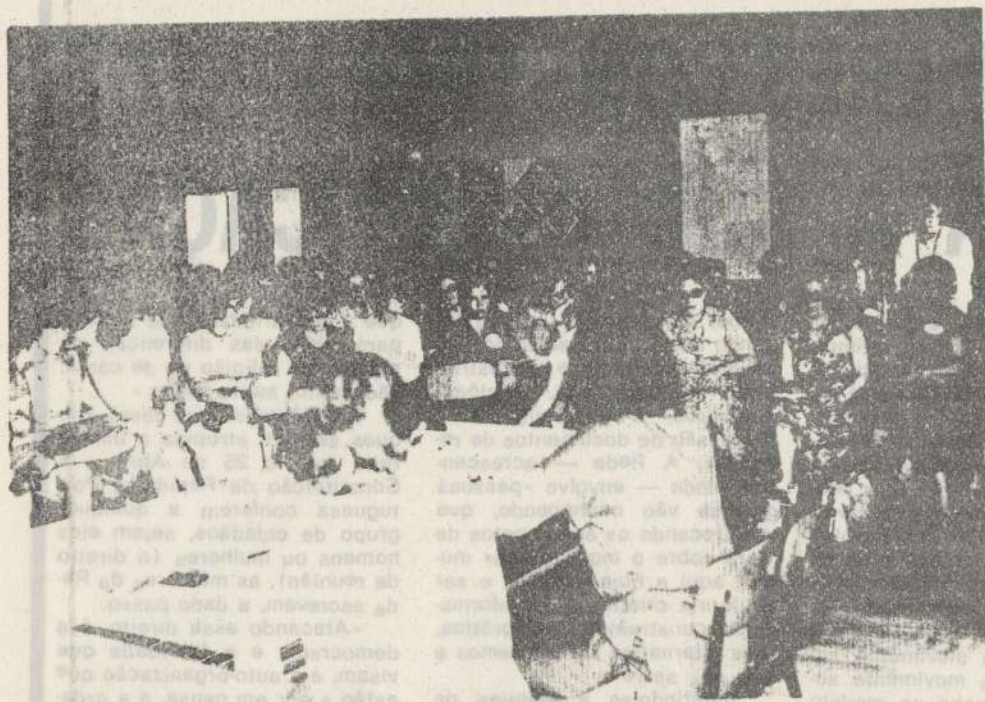
O comunicado sublinha, por fim, que essas críticas descalabradas não visam outra coisa que não seja atacar Maria de Lurdes Pintasilgo, «ataque que nos magoa e nos choca, por vir de um sector de Esquerda, e já não «do lado de lá», do lado dos que sempre lhe tiveram medo» — acrescentam.

31 - 10 - 81

JORNAL



DE NOTÍCIAS



SABADO, 31 DE OUTUBRO DE 1981

Diário de Lisboa

A política e os seus futuros

Objectivo da "rede" de Mulheres: reflectir para transformar

PORTO, 31 — Reflectir para transformar a sociedade é o objectivo básico da «Rede» de mulheres ligada a Maria de Lourdes Pintasilgo apresentada pejorativamente por um matutino lisboeta.

«O que está em jogo é esta sociedade, queremos transformá-la, intervir mais amplamente» — afirmou, ao «DL», Fátima Grácio, uma daquelas mulheres envolvidas no ataque desferido pelo «Portugal Hoje», na passada quinta-feira.

Nesta «Rede», que tem vindo a ser constituída desde há um ano (o seu germe foi lançado durante uma reunião em Lisboa), estão representados todos os estratos sociais, desde camponesas, a técnicas superiores, passando por operárias, serventes, técnicas de curso médio, etc. «Não há qualquer limitação de entrada à partida», sendo as próprias pessoas a optarem se ficam ou não, em função da forma como se sentem na rede.

Tipo de reflexão, perspectivas do debate, possibilidades de transformação — são alguns dos factores que poderão, porventura, entrar em equação.

A «Rede» tem, neste momento, milhares de mulheres espalhadas por quase todas as zonas do País e tem vindo a alargar-se quase espontaneamente atrás de uma pequena frase: «Estás de acordo? Passa a palavra». Independentemente das reuniões que têm sido feitas a nível local, a «Rede» tem-se reunido a nível mais amplo e ainda na semana passada se realizou em Braga um debate alargado no qual participaram dezenas de mulheres do Norte. Anteriormente, em Junho, tinha-se efectuado, em Coimbra, um encontro de âmbito nacional.

«É olhando criticamente esta sociedade onde a exploração se mantém e os valores materialistas pontificam que nós vemos que temos coisas a dizer» — afirma Fátima [nome redigido] «Faz sentido, acrescenta, para

nós, as mulheres reunirem-se com outras mulheres porque temos uma experiência comum que os homens não têm». Nega Fátima [nome redigido] qualquer conteúdo feminista nesta rede, assim como a existência de qualquer elo cristão à sua volta. «Há mulheres cristãs, mas não existe nenhum elo de identificação a esse nível».

Durante as reuniões locais e encontros mais amplos têm sido discutidos problemas ligados com o trabalho, o consumo, a Constituição, enfim problemas para os quais as mulheres têm uma palavra importante a dizer. Relativamente à defesa dos Direitos consignados na Constituição, por exemplo, foi reconhecida a necessidade de desencadear um movimento de pressão que retire a propriedade exclusiva da revisão constitucional aos partidos políticos e seus constitucionalistas (onde as mulheres têm a representatividade que se conhece) e evitar que as questões-chave se convertam

em moeda fácil de troca.

Unanimemente se defende também a necessidade de dar voz às mulheres junto dos órgãos da AR, conscientes que estão de que «a igualdade de direitos dos cidadãos não é elemento acessório do nosso futuro, mas alicerce do projecto colectivo dum povo que não pode ser deixado à deriva de acordos flutuantes».

Entretanto, num texto emitido ontem por um grupo de mulheres da «Rede», lê-se que a referência insinuada que a esta foi feita pelo matutino lisboeta constitui um atropelo ao direito de reunião e que «atacando esse direito e a democracia e a liberdade que visam, é a auto-organização que estão a pôr em causa, é a organização autónoma das mulheres que parecem querer impedir».

No mesmo texto diz-se que a «Rede» «são fios que se vão tecendo entre as pessoas nós de solidariedade que se vão estreitando em conversas, reuniões, encontros...»

GOVERNO ATENTO AO "CASO DAS JULINHAS"

**Pintasilgo
"saiu da gaiola"**

A agitar certos sectores políticos e jornalísticos e envolvido num certo «mistério», surgia ontem, na imprensa, o «Caso das Julinhas», como o nome de Maria de Lurdes Pintasilgo, ex-primeiro-ministro do V Governo, à cabeça.

O Governo, segundo uma fonte contactada pelo nosso jornal, mostrava-se, ontem, «atento e preocupado» face a este caso, que surge conectado com determinadas movimentações no Norte do País, «por definir, por uns classificada de «políticas», para outros de meramente interessadas «em movimentar o quotidiano das mulheres».

Para o PS, e segundo uma fonte partidária, a oposição a este tipo de movimentações, desde que com carácter político, é «cerrada», embora não possa «de modo nenhum dar cobertura» ao modo como o assunto foi tratado pelo matutino que retiraria o caso da obscuridade — o «Portugal Hoje».

Mas o que é, afinal o «Caso das Julinhas»? A história é complicada...

Colocando um ponto final num período de certo anonimato na cena política portuguesa, Maria de Lurdes Pintasilgo voltou a dar que falar.

O ponto final neste relativo

marasmo foi, todavia, no que à ex-primeiro-ministro concerna, involuntário. Com efeito, o seu nome surgia ontem com destaque em dois jornais lisboetas, um matutino e um vespertino, ligado a um movimento, ou, citamos «relançamento de uma rede» de carácter, para um dos jornais, eminentemente político, para outro, completamente desligado de quaisquer intuítos políticos.

Assim, para o matutino, a referida «rede», constituída exclusivamente por mulheres estaria, neste momento, em plena fase de organização e arranque no Norte do País, e teria como animadora principal Teresa Vasconcelos, do Porto. Foi deste modo que o «Portugal Hoje» abordou o tema, a merecer manchete e acrescentando, à laia de caricatura, que as «senhoras e meninas» membros desta rede se tratariam mutuamente por «Julinhas» assinada por Teresa Vasconcelos, «petit nom» Ticha Casconcelos.

O «PH» chama a atenção, com especial incidência, para o carácter político deste «movimento», chefiado por Maria de Lurdes Pintasilgo e que acusa de ter um «projecto escondido».

Horas depois, o vespertino «A Tarde» vinha a lume com uma versão contrária sobre as activi-

dades da organização feminina em causa, apresentando essa versão com base num depoimento da própria Ticha Vasconcelos.

Teresa Vasconcelos, que o próprio «PH» informava não ter conseguido contactar, confirmou ao vespertino a existência da rede, a incluir já, no Norte do País, centenas de mulheres, frisando todavia que o seu papel não era o de «principal animadora». «Aqui não há principais animadoras», disse àquele vespertino.

Definindo o papel de Maria de Lurdes Pintasilgo como de «um elemento de contacto da rede que tem algo a transmitir às mulheres», Ticha Vasconcelos recusaria, com firmeza, a possibilidade de esta rede poder vir a suportar um novo partido político, bem como o facto de o movimento ser exclusivo às referidas «senhoras e meninas» de que o «PH» falava.

Quanto ao tratamento dos

membros da rede por «Julinhas» considerá-lo-ia um disparate», argumentando que a carta reproduzida pelo «PH» estava encimada por um «Viva Julinha» pelo simples facto de estar endereçada a um elemento da rede chamado Júlia.

A missiva em questão, saliente-se anunciava, para o passado dia 11 de Outubro, uma reunião em Viana do Castelo, para preparar «um encontro da área regional do Norte», o qual contava com a presença de Maria de Lurdes Pintasilgo.

Em suma, para Teresa Vasconcelos, a rede «é qualquer coisa que não está definida e

que, nem sequer, estamos muito interessadas em definir».

Aliás, **indefinição** é palavra exacta para definir este imbróglio que, não deixa de se reverter, apesar de tudo, de um certo esoterismo, caricatural ou não.

Quando o «Correio da Manhã» tentou apurar pormenores da «famigerada» rede feminina, política ou não, encontrou portas cerradas.

Um facto é curial: a rede existe e Maria de Lurdes Pintasilgo é personagem central da história das «Julinhas».

Por outro lado, e em contacto com o «PH», dir-nos-iam que o tratamento entre os membros da rede, reiteradamente feminino, seria mesmo esse: as «Julinhas», constituída por mulheres ligadas essencialmente a movimentos católicos progressistas. Recorde-se que Maria de Lurdes Pintasilgo, está, desde há muito ligada à Acção Católica e, especificamente, a um movimento denominado «Graal».

Será que, mais uma vez, «montanha pariu um rato»?

Serão as «Julinhas» (ou não «Julinhas») um projecto inocente a carregar os fantasmas do nome de Maria de Lurdes Pintasilgo?

«CM» limita-se a vender história, pelo preço que a comprou.

CORREIO DA MANHÃ

30 Out. 1981

Lurdes Pintasilgo é a "grã-julinha"

Rede de mulheres não identificadas não sabe que peixe pesca...

Informações ontem publicadas em dois diários da capital afirmam que Maria de Lurdes Pintasilgo, ex-primeira-ministra, do V Governo Constitucional e actual conselheira da família presidencial, é a principal dinamizadora de uma "rede de mulheres".

Que o leitor não se precipite: essas mulheres enredadas com a fogosa engenheira — so que parece conhecidas pelo diminutivo carinhoso de "julinhas" — constituem apenas um movimento mais ou menos feminista, mais ou menos político, mais ou menos partidário, mais ou menos interventor.

Para além de Lurdes Pintasilgo conhece-se apenas o nome de Ticha Vasconcelos, aliás, Teresa Vasconcelos, do Porto. Esta senhora distri-

buiu circulares convocando a "rede" para uma reunião preparatória, que se realizou, no passado dia 11 de Outubro, em Viana do Castelo, de um outro encontro a realizar em 22 do corrente e tendo por finalidade agitar a "área regional do Norte".

Em entrevista telefónica ontem concedida a um nosso colega, Ticha Vasconcelos mostrou-se algo críptica e esotérica quando lhe perguntaram qual o objectivo da rede feminil (que o mesmo é dizer, quando o repórter desejou saber que "peixes" se apanhavam com tais malhas). De facto, a animadora limitou-se a declarar: "É qualquer coisa que não está definida e que, nem sequer, estamos muito interessadas em definir".

Não admirará, assim, o

apoio que à organização emprestou Maria de Lurdes Pintasilgo. No entanto, alguns observadores apontam que a rede das "julinhas" irá a breve trecho servir de ponte de lançamento para um movimento político, talvez para um partido feminista, o qual logicamente iria apoiar a figura do general Ramalho Ea-

nes quando este — em 1990? — se recandidatar às eleições presidenciais.

Ao que se sabe — apesar do desmentido feito por Ticha Vasconcelos — a gentil rede conterá com a participação exclusiva de senhoras e meninas, irmãs na "transformação do quotidiano".

o dia, 30 OUT. 1981

tome nota

Quem tem medo de quem?

A reacção a uma frase que falava de «movimento» e de «esperança» e na qual se descobriu a apenas disfarçada referência a um novo partido político em organização, foi reveladora de um excessivo temor de que apareçam novas organizações políticas.

As experiências de cisões e dissidências não são animadoras. As novas organizações não têm o caminho aberto e facilitado. Mas há quem receie a sombra própria e as alheias núvens.

Neste jogo de cabra-cega entre realidade e ficção, surgiram agora as **Julinhas**. Que o inocente apelativo não te dê tranquilidade, leitor.

A conspiração das **Julinhas** é uma rede vasta e tenebrosa. Desta vez não é o Presidente Eanes directamente que está envolvido na suspeita. Ficaram os timoratos pela aproximação. Um antigo primeiro-ministro — a engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo — tece as malhas da «rede» que vai enleiar a República e asfixiar os velhos partidos.

É o pânico. Cuidado com a «rede».

DIÁRIO DE LISBOA 30 OUT. 1981

Carmona não gosta de Pintasilgo

Parte da tendência maioritária do PS continua preocupada com o impacto político de Maria de Lurdes Pintasilgo. Ainda recentemente alguém importante no «aparelho» decidiu proibir a afixação de propaganda alusiva a uma conferência daquela que foi primeiro-ministro do V Governo Constitucional. Mas a «ordem» foi... de Lisboa para Braga. Quem a deu foi igualmente uma mulher: Ivone Carmona, destacada militante das «Mulheres So-

cialistas», que desempenha um cargo de responsabilidade no aparelho do partido, e eleita no último congresso, pela lista de Mário Soares, para a Comissão Nacional de Conflitos.

Como noutro local se noticia, a embaixadora de Portugal na UNESCO, **saneada** pelo Governo AD, foi por sua vez, ontem, vítima de uma notícia do «Portugal Hoje», cujo título era, como «manchete» de primeira página: Rede de mulheres alastra no Norte. E depois: «As **Julinhas** vão desenvolvendo reuniões e perspectivando o relançamento da rede.» O antetítulo era: «A actividade política de Lurdes Pintasilgo»...

o jornal

Lurdes Pintasilgo a "O Jornal"

As mulheres são já uma força colectiva

«As mulheres são já, de facto, uma força colectiva», disse a «O Jornal», numa entrevista exclusiva, a embaixadora Maria de Lurdes Pintasilgo, a propósito de uma «rede» de mulheres recentemente constituída, em Portugal, com a sua participação.

Entrevista exclusiva



Lurdes Pintasilgo: A "rede" de mulheres existe...

pág. 48

Afirmando que a sua preocupação é a de «contribuir para a vitalizar o tecido social do nosso país», a antiga primeiro-ministro classifica como meras «conjecturas» os rumores que, segundo alguns, circulam quanto à possibilidade de tal «rede de mulheres» ser o embrião de um partido político.

«Não posso deixar de lutar por uma democracia que se manifeste também segundo vectores sociais, culturais e económicos», afirma Maria de Lurdes Pintasilgo, acrescentando que «se isso é interpretado como ameaça política, o problema é de quem tem da democracia um entendimento exclusivamente formal e relega para segundo plano o projecto de sociedade.»

A notícia da existência da «rede» animada por Lurdes Pintasilgo foi, ontem, quinta-feira, dada pelo matutino «Portugal Hoje», afecto à linha «soarista» do PS, num tom pelo menos recusatório, o que é patente, desde logo, no próprio título dominante da primeira página em que surge como dominante a expressão «Rede de mulheres alastra no Norte», isto sob um antetítulo muito mais pequeno, indicando que a «manchette» se refere à actividade de Lurdes Pintasilgo. Em complemento, adianta-se que «as 'Julinhas' vão desenvolvendo reuniões e perspectivando um relançamento da rede».

A seguir se publicam excertos da conversa que «O Jornal» manteve com Maria de Lurdes Pintasilgo, a propósito da «rede» a que pertence:

«O Jornal» — Existe, de facto, uma «rede de mulheres» a que está ligada?

Maria de Lurdes Pintasilgo — Existe! Não só no Norte, mas em outras zonas do País. A «rede» é, antes de mais, uma manifestação de que as mulheres sentem de modo idêntico as contradições da sociedade. A partir dessa sensibilidade comum estabelece-se uma plataforma de encontro de que podem surgir formas próprias não social e cultural.

30-10-81

Em França e nos EUA

P. — Porquê a palavra «rede»?

R. — Surgiu como natural numa sociedade em que as estruturas organizativas aparecem cada vez mais rígidas.

Falar de «rede» é falar de tecido social, das malhas que constituem esse tecido, das estruturas que sustentam a sociedade, dos nós em que se apoia tudo o que na sociedade vive e se movimenta.

A «rede» é hoje a estrutura social mais flexível. Não só é anterior à ideia de «organização» como à própria noção, mais dinâmica, de «movimento». Parte do reconhecimento de afinidades — de situações, de problemas, de aspirações,

de projectos. Define-se pela inter-relação que estabelece, como reforço de acções e iniciativas já existentes. Indica, ao mesmo tempo, aquilo que se quer fazer e como se quer fazer.

Quer-se contribuir para o fortalecimento do tecido social e quer-se fazê-lo através das estruturas normais da vida e usando ao máximo a responsabilidade e a autonomia de cada pessoa. Quer-se aquilo que Alain Touraine, ao ouvir há dias a descrição de forma como a rede se tem tecido, classificou de «estrutura ausente».

Aliás, a palavra «rede» é hoje comum, em muitos países, para designar estruturas flexíveis, plasmáveis, de pessoas que têm afinidades entre si e que se propõem encontrar formas de intervenção próprias.

Assim, por exemplo, os «réseaux espérance» que se sucederam, em França, ao «apelo aos vivos» de Roger Garaudy. Assim, também, os «network» que, à volta das mais diversas questões, têm vindo a desenvolver-se nos Estados Unidos da América. A última «rede» de que me chegou notícia é a «Rede para a educação na Segurança Mundial», baseada num apelo de Waldheim para que 0,1% do orçamento em armas seja dedicado a esforços positivos de desarmamento...

P. — Porquê, então, o carácter caotérico que a notícia do «Portugal Hoje» atribui à rede de mulheres na região Norte?

R. — Prefiro não comentar essa notícia que, a meu ver, revela um total desrespeito pelos princípios mínimos da deontologia jornalística. O comentário que tenho a fazer será certamente publicado pelo próprio «Portugal Hoje», ao abrigo do direito de resposta que, julgo eu, ainda me assiste.

P. — Quer então dizer-nos alguma coisa sobre os encontros que a «rede de mulheres» tem vindo a realizar?

R. — A iniciativa partiu de um grupo de mulheres que, como eu, sentiam a necessidade de criar um espaço de encontro onde as mulheres articulassem a sua forma própria de sentir e viver os problemas com que no dia a dia se confrontam. Preocupava-nos não tanto a conquista da «igualdade», nos termos formais como este conceito é geralmente entendido, mas a confirmação mútua de que as mulheres são já, de facto, uma força colectiva.

Tratava-se, afinal, de retirar o véu das estatísticas e dizer claramente que as mulheres são pilares efectivos de aspectos fundamentais da vida social, cultural e económica do país.

Partimos de encontros a nível nacional, onde mulheres de diferentes zonas do País se reconheceram nas mesmas aspirações e nas mesmas lutas.

Neste momento, a rede tem já uma forte implantação regional e local. Há distritos onde

quase todos os concelhos se encontram representados.

«Ameaça política»?

P. — Se se trata, como diz, de uma actividade de âmbito predominantemente social e cultural, como explicar o mal-estar criado em torno dessa iniciativa? Dir-se-ia que a «rede de mulheres» constitui para alguns uma ameaça...

R. — Infelizmente tenho que concordar que assim é. E ameaça a dois níveis:

— a nível político, para aqueles que temem todas as expressões de democracia social, esquecendo que o 25 de Abril abriu as portas não apenas ao pluralismo partidário mas a todas as formas de livre associação entre os cidadãos;

— a nível social, para aqueles que receiam ver emergir a «força das mulheres» como motor de transformação na nossa sociedade (uns por puro machismo — desejo de manterem as mulheres numa posição de inferioridade social; outros por espírito classista — medo de que a tomada de palavra por parte das mulheres venha pôr em causa privilégios de há muito adquiridos.)

P. — Há alguma semelhança entre essa «rede de mulheres» em Portugal e os «movimentos de mulheres» noutros países?

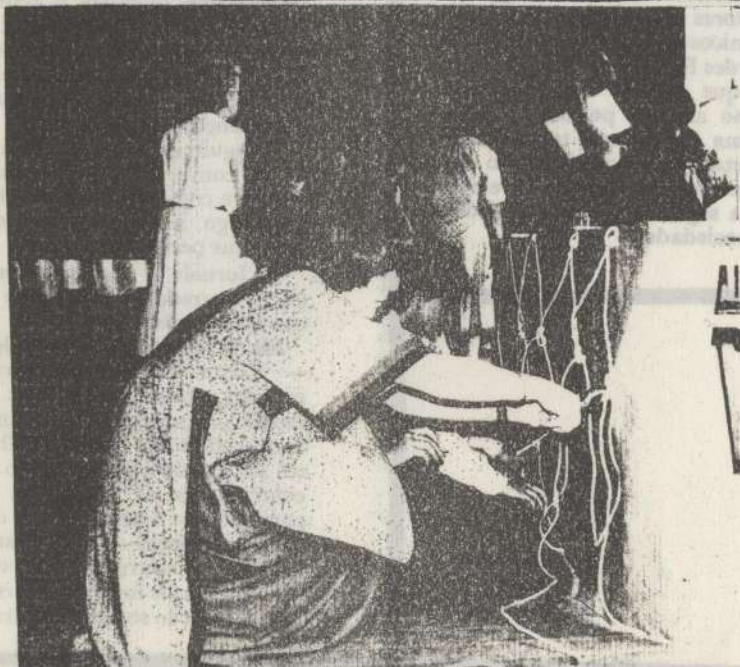
R. — As semelhanças são óbvias: a participação e a intervenção social das mulheres é hoje uma das conquistas democráticas de que mais se prezam tanto os países industrializados como os países do hemisfério Sul.

Entre nós, a movimentação de mulheres tem, porém, características próprias, que importa não esquecer. A luta das mulheres em Portugal não se coloca em termos exclusivamente feministas, como nos países altamente industrializados, nem tão pouco em termos exclusivamente políticos, como é o caso de certos países do Terceiro Mundo. Revela-se entre nós uma evidente sintonia entre a participação das mulheres na transformação das suas próprias vidas e a sua luta, como cidadãs, por uma sociedade com um projecto inovador e solidário.

P. — Para além desta «rede», ouve-se dizer que está a dinamizar uma grande movimentação social ou mesmo um «partido político». Que fundamento há para estas conjecturas?

R. — A expressão «conjecturas» é, de facto, a mais adequada. Estou, obviamente, em contacto com dezenas de grupos e instituições sociais, com os mais variados interesses e campos de acção. A minha preocupação é, como sabe, a de contribuir para vitalizar o tecido social do nosso País. Não posso, por isso, deixar de lutar por uma democracia que se manifeste também segundo vectores sociais, culturais e económicos.

Se isso é interpretado como ameaça política, o problema é de quem tem da democracia um entendimento exclusivamente formal e relega para segundo plano o projecto de sociedade.



A «rede de mulheres»

Uma carta de D. Ticha

A propósito da «rede de mulheres» que noticiámos na passada quinta-feira escreveu-nos D. Ticha Vasconcelos uma carta, que damos à estampa na íntegra:

Sábado, 31 de Outubro de 1981

Nota da Direcção

1. A sr.^a D. Ticha Vasconcelos, aliás D. Teresa Vasconcelos, confirma integralmente a nossa notícia de 29 de Outubro, comentando, no entanto, alguns erros de análise que carecem de esclarecimento.

A carta acima transcrita é dirigida ao director do jornal, tomando-o por senhor e dono de quanto nele se publica e manifestando, implicitamente, um profundo desgosto pelo facto e, na circunstância, ele não ter metido tesoura à prosa.

Por muito que custa às «julinhas» (e a esta «Julinha» concreta) não há censura no «Portugal Hoje», nem sequer quando estiver em causa o secretismo de qualquer organização que integre pessoas por quem já demonstramos simpatia.

2. A carta às «julinhas», que publicámos na nossa edição de quinta-feira, foi entregue a um jornalista desta casa por uma «julinha» dissidente que, por razões que só a ela dizem respeito e que entendemos não dever explorar, não está de acordo com o caminho que a «rede» está a seguir. Foi essa mesma «julinha» quem forneceu ao jornalista as informações produzidas e agora confirmadas por D. Ticha, como o foram por Lurdes Pintasilgo a «o jornal».

3. A «Julinha» não vai querer acusar-nos, com certeza, de sermos ferozes inimigos do direito de associação. E por isso mesmo é descabido que afirma que a «estranha organização feminina» só é estranha para quem não percebeu que o 25 de Abril deu às Mulheres o direito de se reunirem e de criarem as redes que quizerem. É evidente que não só não denegamos mas até defendemos esse direito.

Mas continuamos a considerar estranho que as redes sejam secretas e os homens não tenham acesso a elas. Pode ser muito feminino este sentido do segredo mas admita a «Julinha» que é... pouco democrático.

4. Em matéria de «ritos pidescos» a nossa simpática correspondente será seguramente mais informada do que nós. No fim de contas, depois de defender a censura (como atrás se refere) sustenta implicitamente que os jornais não devam dar à página documentos com importância pública como aquele que reproduzimos. Já agora gostávamos de saber quem é a Maria Júlia de baptismo a quem foi dirigida a carta...

5. Não estamos minimamente preocupados com a gestação a que se refere a nossa interlocutora, nem seremos seguramente nós a lançar às «julinhas» o abortivo. Limitamo-nos a produzir informação, com base em fontes que nos merecem crédito. E acerca de Maria de Lurdes Pintasilgo dizemos apenas que fomos dos poucos a defendê-la quando foi primeiro-ministro, quedando-nos daí uma autoridade moral que não sabemos se a «Julinha» tem.

6. O passo último da carta é uma demonstração acabada de nervosismo que não acredita a «rede». É evidente que a matéria constitui um bom tema para esse humorista barato que se chama José Vilhena. Mas nós tratamo-la a sério e a frio e é por isso que,

«Julinha», você tem pena e vergonha de se ver despida. Afinal, é substancialmente diferente aparecer nua na «Gaiola Aberta» ou no «Portugal Hoje».

7. Em matéria de tutelas (directas e indirectas) e sem que isso possa constituir uma resposta à provocação, diremos apenas que o penúltimo parágrafo é suficientemente demonstrativo de que a «Julinha» ficou apanhada com a concepção que da Liberdade de Imprensa tinham os fascistas. Depois de defender implicitamente a censura, D. Ticha sustenta que o facto de um jornal ser dirigido por um cidadão que milita em determinado partido político obriga esse partido político a exercer sobre o jornalista e o jornal uma tutela. Seria assim para o Movimento Nacional Feminino ou para a ANP (e continua a ser, agora para o PC, como ficou demonstrado com o caso Júlio Pinto) mas não é para partidos democráticos como aquele a que a «Julinha» se refere e que, na circunstância, não deve ser sequer chamado à baila.

8. Em matéria de dignidade não vale a pena pedir meças. Bastará referir que a pessoa a quem D. Ticha se dirige não tem necessidade de esconder a cara. Se a «Julinha» tivesse a mesma coragem esta polémica nunca teria existido. No fim de contas, o cerne da notícia está no facto de se tratar de uma organização secreta.

A Direcção

«Joãozinho»:

Sou a «Julinha» visada que homenageaste na 1.^a página do teu jornal de hoje (29/X/81). Chamas à nossa Rede «um im- eventualmente um partido feminino» e afirmas que «há alguns ritos mais ou menos secretos no nosso trabalho». Tudo muito alastrado. Tudo muito maçon. Ora bom, Joãozinho. Quero que saibas:

• Que «a estranha organização feminina que formámos» só é estranha para quem ainda não percebeu que a democracia conquistada em 25 de Abril, deu às Mulheres, como a todos os cidadãos deste país, o direito de se reunirem e de criarem entre si as redes que muito bem quiserem e desejarem;

• Que os «ritos secretos» de que falas não são com certeza os ritos pidescos de quem subtrai cartas pessoais aos seus legítimos proprietários (neste caso uma mulher Maria Júlia de baptismo) e vem para os jornais gabar-se de o ter feito;

Teresa Maria Sena de Vasconcelos (Ticha Vasconcelos) — «Julinha» n.º 5001

P.S. — Como vês, somos já a mais na contagem que estamos a fazer para a formação de um novo partido. 5000 bastariam.»

• Que o «novo partido político em gestação» não existe senão na tua imaginação e na de todos os Joãozinhos, para quem a figura de Maria de Lourdes Pintasilgo é uma ameaça-pesado a destruir por todos os meios mesmo quando esses meios são a chacota quantada, a insinuação maldosa e a mentira.

Se o artigo que publicaste tivesse sido assinado por um jornal humorístico ter-me-ia rido a tua responsabilidade (e indirectamente da do partido que te tutelava e vergonha).

Espero de ti ao menos a dignidade de dares a devida publicidade a esta carta. Se o não fizeres ela será publicada num outro qualquer jornal que se preze de o ser.

Portugal HOJE



CONFERENCIA DE IMPRENSA

Relativamente ao texto do jornal "Portugal Hoje" de 29.10.81, sob o título "Rede de Mulheres alastra no Norte", nós, um grupo de mulheres que tem trabalhado com Maria de Lurdes Pintasilgo na tarefa de reflexão sobre o papel das mulheres na nossa sociedade, entendemos convocar uma Conferência de Imprensa para dar a conhecer os objectivos do nosso trabalho e clarificar o que o referido texto despidoradamente confunde e avilta.

Nestes termos, agradecemos a V.Exa. que o se faça representar na Conferência de Imprensa a realizar às 18 horas, no dia 3 de Novembro, terça-feira, na sala 9.2, da Faculdade de Engenharia à Rua dos Bragas.

Com os melhores cumprimentos,
Pela Rede de Mulheres



Rede de Mulheres responde a notícia «aviltante»

«RECEIAM QUE LURDES PINTASILGO CONSTITUA UM PARTIDO POLÍTICO»

«A Rede de Mulheres procura contribuir para uma sociedade do ser e não do ter, uma sociedade solidária e não competitiva, e o ataque que nos fizeram, só prova que têm medo de Maria de Lurdes Pintasilgo e que têm medo que a voz das mulheres se faça ouvir» — disseram ontem, no Porto, representantes da referida Rede de Mulheres, numa conferência de Imprensa.

Relativamente ao ataque, referiam-se as mulheres a uma notícia recentemente publicada num matutino de Lisboa em tom considerado «injuriOSO» e «aviltante», no qual se dizia que uma rede de mulheres alastrava no Norte e em que, segundo as presentes, se procurava distorcer a realidade, «utilizando uma concepção antidemocrática, porque retira às mulheres a possibilidade de reunião».

Mas, o que é a Rede de Mulheres?

Criada há um ano, é uma organização, animada por Maria de Lurdes Pintasilgo, «onde discutimos as nossas realidades, onde vemos o que queremos e o que não queremos, onde procuramos, enfim, en-

contrar uma maneira de intervir no nosso quotidiano. Procuramos uma transformação e a nossa transformação obriga necessariamente a uma transformação da própria sociedade» — afirmaram.

«Queremos acabar com a situação das mulheres como seres de 2.ª classe, com a sua exploração a vários níveis, com as situações de injustiças, com a massificação das pessoas e das coisas, em que cada um possa, efectivamente, ser aquilo que é» — aponta-

ram, referindo-se aos objectivos que se propõem. E acrescentaram: «Queremos dar voz às mulheres que até agora têm estado remetidas ao silêncio».

Não são m. partido e, peremptoriamente, afirmam não ter intenções de se organizar como tal, embora salientem que o jornal que as atacou «tem medo que Maria de Lurdes Pintasilgo forme um partido, porque isso deixaria o PS um pouco atrapalhado»: di-

zem-se abertas a qualquer mulher que partilhe dos mesmos ideais, independentemente de ser do partido A ou do B, de ser católica ou agnóstica. São, isso sim, «contra qualquer tipo de tutela».

«As associações de homens mereciam o mesmo comentário?» — interrogaram-se, referindo-se, de novo, à notícia do jornal de Lisboa. «O que eles não aceitam é a nossa naturalidade» — frisaram ainda.

JORNAL DE

NOTÍCIAS



O Comércio do Porto

Liderada por Lurdes Pintasilgo

Rede de mulheres já tem um ano

Liderada por Maria de Lurdes Pintasilgo, a Rede de Mulheres que, recentemente, se tornou conhecida já tem um ano de existência e implantação em todos os distritos do país.

Em conferência de Imprensa que, ontem, decorreu na Faculdade de Engenharia do Porto, Luísa Pinto Cerveira, Teresa Vasconcelos e Fátima Bravo deram conta dos objectivos da rede, repudiando o teor de notícias vindas a público que atribuíam «carácter secreto» à organização. Esta mostra-se aberta a mulheres de todas as condições sociais e das mais diversas filiações partidárias.

Vocacionada para lutar por uma

«sociedade de alternativa» é um espaço aberto, onde os seus elementos trocam impressões e discutem os problemas da sociedade que pretendem «solidária em vez de competitiva». As mulheres da rede desejam, também, acabar com as «situações de injustiça e criar uma nova forma de relacionamento entre as pessoas», de modo a que se dê lugar a voz do feminino até agora remetida ao silêncio.

A rede é integrada por grupos autónomos que actuam em diferentes áreas e de acordo com as carências analisadas nos diversos sectores que vão desde o campo, às fábricas ou ao ensino.

Quinta-feira, 5 de Novembro de 1981



Rede de mulheres contra "machismo" do PS

«É MAU que os partidos pensem que podem esgotar em si toda a capacidade de criatividade», afirmaram esta semana, no Porto, representantes da rede das mulheres. A referida rede, à qual já se tinham associado o nome de Lurdes Pintasilgo, afirmou não ser «nem um movimento quotidiano e abrir o caminho para uma sociedade alternativa, humanista e personalizada», dando «voz às mulheres até agora reduzidas ao silêncio».

Referindo-se às notícias vindas a lume no matutino «Portugal Hoje», as representantes da rede afirmaram que «a direcção do PS tem vindo de Maria de Lurdes Pintasilgo e ataca-a com uma escandalosa concepção machista e anti democrática».

EXPRESSO, SÁBADO, 7-NOVEMBRO-1981

Dia a dia

Júlia

A Júlia Babo, uma popular cançonetista da praça, que tem voz como o vinho velho (quanto mais velho melhor) não aceita doravante que a tratem pelo diminutivo.

Para que conste, a Júlia manda dizer que não tem nada a ver com a rede, questão em que goza da solidariedade da Júlia Florista.

A «REDE DAS JULINHAS»

LURDES
PINTASILGO
ESCREVE A
JOÃO GOMES

AMANHÃ EM «PH»

Terça-feira, 3 de Novembro
de 1981

Portugal HOJE

A «REDE DAS JULINHAS»

PINTASILGO
VERSUS
JOÃO
GOMES

P. 3

Quarta-feira, 4 de Novembro de 1981

«Rede de Mulheres» alastra no Norte

Uma carta de Maria de Lourdes Pintasilgo

O director de «Portugal Hoje» recebeu da eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo a carta-esclarecimento que a seguir publicamos:

«Senhor Director:

«Preferia não ter que escrever esta carta. Mas o respeito que devo aos leitores de «Portugal Hoje» obriga-me a um esclarecimento que é ao mesmo tempo tentativa de desmentir e de desmontar. Desmentir os factos arquitectados e não verificados. Desmontar a intriga urdida a partir de alguns factos reais.

E porque o jornalista João Gomes — que desde os tempos da juventude sei empenhado em numerosas frentes de combate social — é, apesar de tudo, o responsável último pelo que no «Portugal Hoje» se publica, é a ele que, mau grado meu, o meu protesto se dirige.

E que desde já fique ressaltado que o que está em causa não é a «autorização» que o director do jornal daria ou não para a publicação de um artigo nem, muito menos, uma qualquer prática censória que a lei de Imprensa não permite e que uma sã democracia liminarmente

condena. Ninguém faria aos jornalistas de «Portugal Hoje» a injúria de os considerar meros «propagandistas» das ideias (ou da ausência delas) de outras pessoas ou forças. O que está em causa é o exercício do jornalismo sensacionalista e falho de rigor, é o clima de desrespeito para com outros cidadãos que a possibilidade de publicação do artigo em causa claramente revela. Ai sim, senhor director, a sua responsabilidade e a de toda a direcção é total. O respeito pelos direitos humanos — e em particular pelo direito ao bom nome consignado na

Constituição — é um valor cuja defesa qualquer director de jornal levará até às últimas consequências.

O artigo de 5.ª-feira, 29 de Outubro, não foi assinado. O que a meu respeito se diz nesse artigo compromete, pois, de forma iniludível, a direcção desse jornal. Digo a direcção desse jornal e nada mais. Porque há muito quem pense que o «Portugal Hoje» é de inspiração do Partido Socialista, o que, como este incidente uma vez mais comprova, de modo algum corresponde á realidade. Se este caso tiver servido para que

os leitores de «Portugal Hoje» vejam ainda com mais clareza que este jornal não reflecte necessariamente a ideologia e a prática do socialismo de-

mocrático, todos ficaremos a ganhar.

Mas passemos aos meus esclarecimentos.

1. Em primeiro, os factos reais a que se alude no artigo do seu jornal:

- a «rede» de mulheres a que «Portugal Hoje» se refere é uma das múltiplas formas de associação que o 25 de Abril tornou possível no nosso país. Usando esse direito, mulheres de diferentes regiões têm vindo a encontrar-se regularmente, para, em conjunto, discutirem questões de interesse comum.

- a carta de convocação para um encontro a realizar em Viana do Castelo que «Portugal Hoje» transcreve é uma carta de carácter pessoal, autêntica. A carta, assinada por Ticha (Maria Teresa) Vasconcelos, é dirigida a Maria Júlia Machado de Sousa (Julinha).

- a carta transcrita refere-se à minha participação pessoal num dos encontros. É igualmente um facto. Participei, no passado dia 24, em Braga, numa reunião de mulheres e considero-me ligada ao projecto de trabalho que a referida «rede» pretende levar a cabo.

2. Entre estes factos e a montagem noticiosa arquitectada por «Portugal Hoje» torna-se, porém, quase impossível estabelecer um nexo. Vejamos.

- A existência de uma «rede de mulheres» é considerada pelo articulista do «Portugal Hoje» uma «estranha organização», um «projecto escondido».

Pergunto: O que se pretende significar com estas expressões? É «estranho» que grupos de mulheres se reúnam, no Norte como em outras zonas do País para, em conjunto, debaterem problemas que as interessam? É estranho que as mulheres se encontrem empenhadas «num esforço de reflexão com vista a encontrarem soluções para os problemas da sociedade portuguesa»? Ou será sobretudo estranho que esses grupos de mulheres tenham escolhido para definirem a sua estrutura a designação de «rede»? Desconhecerá o autor do artigo o significado sociológico que a palavra «rede» hoje tem?

- Cita o articulista, entre aspas, «ritos mais ou menos secretos». E a ilustrá-los, lá está a cabalística sigla «Julinha», vocativo semelhante ao «usado pelos maçons», sinal inequívoco do «esoterismo» que animará todo este movimento.

Pergunto: Onde está o esoterismo? No facto de a convocatória para uma reunião se fazer por carta? No facto de a destinatária

dessa carta se chamar Julinha? Será que os jornalistas de «Portugal Hoje» não têm nas suas famílias mulheres que sejam conhecidas por diminutivos? Serão todas, pomposamente, Anastásias, Felisbertas ou Segismundas? Será que «Portugal Hoje» considera que os factos ou acontecimentos só não são secretos quando vêm nas suas colunas?

- Transcreve ainda o articulista uma «fonte digna de crédito», «próxima do antigo primeiro-ministro», que teria admitido que «a rede possa vir a suportar, no futuro, um

novo partido político», «eventualmente um partido feminino».

Com franqueza, senhor director, o delírio político

já tem ido muito longe. Mas tanto não! Será que toda a acção sociocultural de base é para «Portugal Hoje» manobra em prol de um novo partido? Será que para «Portugal Hoje» toda a associação tende inexoravelmente a tornar-se partido político? E o Sporting e o Benfica, senhor director? Estaremos de novo face à mentalidade dos anos 60, no tempo em que qualquer reunião de cidadãos corria o risco de ser interpretada como perigosa conspiração política?

3. Valerá a pena tirar conclusões?

É possível que o alvo do artigo fosse apenas a ex-primeira-ministra do V Governo Constitucional,

figura que para certos sectores políticos continua a constituir uma ameaça que a todo o custo é preciso derrubar. Na realidade, o artigo atinge outros alvos, esses para mim bem mais importantes.

- Atinge, em primeiro lugar, um certo entendimento da *democracia*, segundo o qual todo o trabalho de mobilização social deve ser bem vindo, porque constitui o alicerce indispensável à construção da democracia política.

- Atinge, em segundo lugar, um certo entendimento do *socialismo*, segundo o qual o socialismo é um projecto em constante devir, modelado por todos, homens e mulheres, através e a partir das condições concretas da sua existência.

- Atinge, em terceiro lugar, a dignidade das *mulheres* portuguesas que, sem serem eco de ninguém, se sentem no pleno direito de dizer a sua palavra e fazer ouvir a sua voz.

- Atinge, por último, um certo entendimento da *ética jornalística* — uma ética que se quer ao serviço da objectividade e da autenticidade dos factos e não ao serviço da imaginação febril de quem se sente acoçado por fantasmas que a sua própria mente criou.

É em nome destes princípios que lhe peço, senhor director, a publicação desta carta.»

A resposta do director de «PH»

O texto acima publicado, da autoria da eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo, merece-me os seguintes comentários:

1.^o Regozijo-me com o facto de Maria de Lourdes Pintasilgo reconhecer e explicitar a sua posição inequívoca acerca da independência de «Portugal Hoje». Este jornal não é, efectivamente, «de inspiração do Partido Socialista», como «há muito quem pense». Agradeço tal acto de justiça e de verdade, ao mesmo tempo que reafirmo a disposição de assumir por inteiro as minhas responsabilidades enquanto o meu nome estiver no cabeçalho de «PH».

Não posso deixar de registar a contradição entre a posição da antiga primeiro-ministro e alguns órgãos de Comunicação Social que militantemente mais apoiam as suas posições e a sua acção. Espero que, de ora avante, tais órgãos de Imprensa aprendam a lição da eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo deixando de incorrer nos epítetos e nas piadas em que são useiros e vezeiros.

2.^o Não reconheço à eng.^a Maria Lourdes Pintasilgo passado político ou autoridade moral para julgar se este jornal reflecte ou não, «necessariamente, a ideologia e a prática do Socialismo Democrático». É bom que esse juízo fique à apreciação e ao critério dos nossos leitores, os quais, seguramente, na sua esmagadora maioria, se não regem pelos seus critérios nem afinam pelo seu diapasão.

As atitudes e práticas assumidas por Maria de Lourdes Pintasilgo após o 25 de Abril têm, em numerosas circunstâncias, merecido a minha aprovação

e o meu apoio. O mesmo não posso dizer relativamente ao período anterior ao 25 de Abril em que a coerência política reclamava coragem física e espírito de resistência. Digo-o com clareza e frontalidade, sem que tal ponha em causa a forma atenta como, desde muito novo e dos tempos de compromisso em movimentos católicos juvenis, me habituei a seguir a trajectória brilhante de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Não obstante começo a estar farto dos politicólogos que se comprazem em dar lições de Socialismo e Democracia! Melhor seria que tais lições ganhassem em transparência e prática quotidiana o que pretendem em academismo e pretensa força de princípios.

3.^o Evidencio o facto de Maria de Lourdes Pintasilgo não lograr, não obstante os esforços em contrário, destacar um só evento em que não tenhamos correspondido à verdade. O que parece ter chocado a antigo chefe do Governo é a interpretação que o jornalista autor da notícia faz das reuniões, no âmbito da «rede». Sublinhe-se, de resto, que a expressão «rede de mulheres» não é nossa, mas de D. Teresa Vasconcelos, dirigida a uma Juliinha, residente em Viana do Castelo.

4.^o A interpretação do jornalista, a partir de informações e dados pelo mesmo recolhidos, não é, naturalmente, indiferente à onda dos elementos, indícios e conjecturas que nas últimas semanas assaltaram a sociedade portuguesa acerca do aparecimento de um novo partido e do trabalho de sapa que nesse sentido vem sendo levado a cabo. Não que se

receie o aparecimento de novo partido, admitido, de resto, por declarações de Maria de Lourdes Pintasilgo a um semanário. Seria até interessante que esse partido surgisse à luz do dia, que mostrasse o rosto, que enfrentasse o desafio das suas contradições e das suas incoerências perante a realidade do quotidiano português.

Esse partido, ninguém o ignora, está na forja, é um estado de espírito, é uma nítida expressão de vontade. Acontece é que os seus promotores manifestam receio, incapacidade e hesitação. Aos padrinhos não falta gosto, neles reside até o secreto desejo de lançar a bênção. Chegado o momento de fazer o gesto, disfarçam, porém, fazem de conta que não é nada com eles, aparentam um ar cândido, preferem falar de fantasmas.

5.^o A interpretação da notícia em causa, de que não sou o autor, nem sequer tomei antecipado conhecimento, mas cujas responsabilidades assumo, terá tido o mérito de expressar o que hoje muita gente pensa: que, infelizmente, Maria de Lourdes Pintasilgo não é estranha nem indiferente a essa campanha dissolvente e enfraquecedora da vida, do prestígio e da actividade dos partidos. E que o desejo ou não, o «Socialismo Democrático» de que ora pretende arvorar-se em mestra e mentora não é possível sem partidos organizados, fortes e respeitados. Não é pela via de qualquer partido dominador, na base de qualquer figura messiânica, à maneira do salazarismo e do marcelismo, que se há-de construir o Socialismo em Democracia.

6.^o Descanse Maria de Lourdes Pintasilgo, pois

no «Portugal Hoje» não se persegue ou critica o direito de reunião, quer de homens quer de mulheres, juntos ou separados, embora a nossa preferência vá manifestamente no sentido da acção que não privilegia a separação dos sexos.

O que defendemos inequivocamente é a transparência de meios e de posições. A liberdade tornada possível pelo 25 de Abril, fruto da acção dos capitães e daqueles que, no passado, não pactuaram com o salazarismo e o marcelismo, deve ser aproveitada de forma a eliminar ambiguidades e hipocrisias.

Não é reprovável que mulheres se reunam, se organizem, promovam as reflexões que julgarem por bem. O que é lamentável e digno de reparo é que, por um lado, se desenvolvam e cubram acções visando o enfraquecimento dos partidos (melhor dizendo e, estranhamente, de alguns partidos) e, por outro, se aproveitem as estruturas desses partidos, se minem as suas bases, se procure atingir e virar os seus quadros. O que é lamentável e merecedor de reparo é que certas personalidades, a quem se reconhece o fulgor da inteligência e o cunho inegável do carisma, se aproveitem das máquinas partidárias para moldar uma imagem e tentar construir «um certo futuro», ao mesmo tempo que, perfidamente, vão sapando a existência dos partidos que lhe proporcionam os meios.

7.^o No período em que a eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo esteve à frente do Governo este jornal foi dos quotidianos portugueses que melhor acompanhou a acção desenvolvida pelo seu Gabinete, que mais corajosa e coerente-

mente o defendeu. Atitude, aliás, que lhe mereceu críticas, ataques e tentativas de vexame. Nas colunas de «Portugal Hoje» se registaram até pontos de vista que sensibilizaram, até à comoção, a eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo. O drama (e a glória) de um director de jornal consiste em ter de assumir posições que um dia suscitam a aprovação e o elogio e, tempos depois, pro-

vocam o repúdio e a ira. Ossos do ofício de dirigir órgãos de Informação!

8.º Finalmente, uma palavra para lamentar o silêncio da eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo relativamente ao teor baixo e soez da carta de D. Maria Teresa Vasconcelos, inserta na nossa edição do passado dia 31. Esta senhora terá admitido que o estilo grosseiro que imprimiu à sua missiva seria pretexto

à não publicação, para depois reclamar a sua inserção em outro jornal. Não são esses, porém, os nossos critérios. Faço até a elementar justiça de não aquilatar pela carta daquela senhora a linguagem, o espírito e correcção dos membros que integram a «rede de mulheres».

João Gomes

Tempo

TERESA VASCONCELOS:

"Rede de mulheres não será partido"

5.11.81

PORTO (TEMPO) — «A nossa secção não tem nada de secreto nem visa a formação de qualquer partido, muito menos pretende constituir-se em movimento político» — explicou-nos Teresa Vasconcelos, a propósito de referências públicas a uma «rede de mulheres» com ramificações por todo o País, tendo como um dos seus motores principais Lurdes Pintasilgo, ex-primeiro-ministro do V Governo Constitucional.

De acordo com Teresa Vasconcelos, tida igualmente como uma das grandes dinamizadoras da «rede» no Porto, «o trabalho de organização de mulheres vem decorrendo desde há algum tempo, sem qualquer secretismo, até porque nada há que tal pudesse justificar. O grande alarido em volta da nossa acção, sublinhou Teresa Vasconcelos, «resultou de uma carta por mim enviada a uma amiga de nome Júlia, que eu tratava pelo diminutivo de Julinha. Daí a abusiva generalização de «Julinhas» e todas as mulheres como eu envolvidas nesta mesma tarefa, da responsabilidade de um diário lisboeta, numa notícia, aliás, toda ela no mínimo distorcida da realidade da nossa organização».

Mas o que é e o que pretende, de facto, a tal «rede de mulheres»?

«A nossa organização existe, na verdade, englobando mesmo mulheres filiadas em partidos e em organizações de vária índole. Trata-se de uma movimentação, já com algumas centenas de

aderentes, sem pretensões a institucionalizar-se. Em vez de chamar-lhe organização, eu diria talvez movimento organizado», precisou Teresa Vasconcelos.

«Quanto aos nossos objectivos, pretendemos, fundamentalmente, mudar a nossa vida pessoal, intervindo no quotidiano. Como grupo social que somos, enquanto mulheres, queremos ter uma palavra a dizer sobre a sociedade em que vivemos, em termos de proposta para uma sociedade diferente.

«É para isto que, efectivamente, nos propomos trabalhar, vendo o que há para mudar e decidindo as acções a desenvolver. Acções que, de momento, se concretizam já, por exemplo, em grupos de alfabetização de mulheres ou numa campanha contra o consumismo.

«Pensamos que as mulheres não têm tido voz, pelo menos de forma suficiente, e parece-nos ser já tempo para que algo surja, finalmente, de Norte a Sul, nos campos ou nas fábricas como

dentro da própria casa. Por todo o lado, somos já muitas centenas e a «rede» não pára de crescer.»

Ainda no seguimento do anúncio público da sua organização, um grupo de mulheres aderentes à «rede» divulgou um comunicado em que denuncia os ataques sofridos nos últimos tempos, mas que não entravam a união e a dignificação das mulheres. «Elas sabem o que não querem e vão, lenta mas pacientemente, descobrindo o que querem e os caminhos para lá chegar, porque a solidariedade que as une, para além das diferenças de partido, religião ou casta são muito, muito fortes.»

O comunicado refere o que é e que objectivos persegue a «rede», lamentando as críticas descabeladas, que «não visam outra coisa que não seja atacar Lurdes Pintasilgo», ainda por cima vindas de um sector de esquerda. Depois de frisar que tais ataques são o atropelo a um direito constitucional, refere o comunicado:

«Atacando esse direito, é a democracia e a liberdade que visam, é a auto-organização que estão a pôr em causa, é a organização autónoma das mulheres que parecem querer impedir, fechando os olhos à situação desfavorecida e difícil que elas vivem ainda, no Portugal de 1981.»



Director ABEL PEREIRA

ponto

ANO II — N.º 53 — 5 A 11 DE NOVEMBRO DE 1981 — PREÇO 20\$00

● EURICO TIAGO/Porto

Existe em Portugal uma **Rede de Mulheres** cuja actividade fundamental é passar avra de um tema-reivindicação muito simples: «Somos mulheres e queremos ter uma palavra a dizer enquanto grupo social.» Nesta rede há mulheres do meio rural, operárias, intelectuais, funcionárias, etc. Não têm nada de secreto mas têm muito de subversivo, porque estão firmemente dispostas a transformar a sociedade em que vivemos.

O seu cartão de visita é uma figura respeitada da política portuguesa: Maria de Lourdes Pintasilgo. Um nome que tem bastante influência nos meios rurais do Norte do País (e não só...), pela forma como vincou a governação enquanto primeira-ministra.

Teresa Vasconcelos, a Ticha, é uma mulher dessa. Coordena as actividades de uma parte do Norte, essencialmente do distrito de Viana do Castelo, onde trabalhou muitos anos como educadora de infância.

Porque esta mulher foi notícia, o nosso jornal quis saber o que era a **Rede de Mulheres**. E quem era ela própria.

Teresa Vasconcelos, Ticha para os amigos, é uma mulher que poderá ter vinte ou quarenta anos, não se pode saber bem, porque tem no rosto um pleno sorriso de frescura e fala com entusiasmo juvenil de coisas reservadas a gente séria, amadurecida na esgrima política dos corredores palacianos. Como mulher sabe o que quer. Como saberia igualmente se fosse membro de outro qualquer grupo social. Acredita na força das mulheres e luta para que essa força ganhe expressão na prática. O que ninguém lhe pode levar a mal. Salvo se lutar pelo direito a transformar esta sociedade, ou pela sua transformação efectiva no sentido da construção de um mundo

A REDE DE MULHERES SURTIU, OU, MELHOR, SURTIU, DELA, A NOTICIA. E, LOGO A SEGUIR, A ESPECULAÇÃO, O INSULTO, A PROVOCACAO, E POUCA VONTADE DE CONHECER, POR DENTRO, OS OBJECTIVOS DE UM GRUPO DE CIDADAS INTERESSADAS NA POLITICA DESTES PAIS.

mais justo, for crime. Teresa Vasconcelos, uma mulher que sabe o que quer, assim de repente, veio para as luzes da ribalta e o seu nome apareceu nos jornais. Deram-lhe honras de primeira página. Ser mulher actuante e consciente (coordenadora da Rede de Mulheres na Zona de Viana do Castelo) despertou por aí idênticas reacções às que uma adolescente provocaria, se aparecesse nua na praia de Leça ante os basbaques que escorrem desejos reprimidos — secularmente reprimidos — e largam pelos poros baforadas de essência de macho. Uma chatice...

— Como apareceu a Rede de Mulheres?

— O motor foi Lourdes Pintasilgo. Ela, quando esteve no Governo, contactou imensas mulheres, conversou com elas e muitas foram sensíveis a esses contactos. Achámos que devíamos desenvolver esses contactos, mesmo para além da passagem de Lourdes Pintasilgo pelo governo. E começámos a passar palavra. A Rede de

Mulheres nasce de uma actividade de passa palavra. E de repente demos conta que havia centenas de mulheres actuautes desde Bragança até ao Algarve.



— Quais são os vossos objectivos?

— Isto é tudo muito simples, trata-se de movimento e não de um partido. As mulheres que foram desaliadas para a rede têm como único objectivo trocar impressões sobre assuntos que lhes dizem directamente respeito. Dirigimo-nos umas às outras dizendo: Em que sociedade vivemos? E em que sociedade queremos viver?

— E que conclusões tiram?

— Que temos uma palavra a dizer no tipo de sociedade que se vai construir. Estamos conscientes disso. E mobilizadas. Não acredito que um partido fosse capaz de mobilizar tantas mulheres em tão pouco tempo...

— Mas porquê mulheres?

— Porque até agora não tivemos voz activa enquanto grupo social e temos de passar a ter.

— E de que forma vão participar?

— Temos imensos campos de actuação. Pelo tipo de trabalho que fazemos, estamos mais ligadas às coisas simples, ao quotidiano. Fazemos um trabalho que não se vê (nem é pago). Somos nós que estamos mais ligadas à educação. Isto representa um grande poder, e permite-nos participar na transformação da sociedade de uma forma inovadora. Podemos canalizar às gerações futuras uma ideologia diferente da ideologia da classe dominante.

— Mas porque não se organizam nos partidos existentes?

— Não nos interessa, embora deva esclarecer que muitas das mulheres que aderiram à Rede sejam militantes de partidos. Temos militantes de todos os partidos de esquerda e até da «AD».

Não somos contra os partidos, longe disso. Mas não nos interessa o Poder tal como está instituído. Não nos interessa ver mais mulheres na Assembleia da República ou nas direcções dos partidos, não queremos apenas que mudem as estatísticas...

— Qual é então o vosso terreno de actuação?

— Interessa-nos ter uma palavra a dizer em tudo e mudar a nossa vida, sobretudo através do nosso quotidiano no seio da família, do local de trabalho, nas lojas onde fazemos as compras, mas não através dos aparelhos que já existem.

Fugimos aos esquemas tradicionais

— A Rede de Mulheres é subversiva...

— Acho que sim. Se se entender como subversão querer mudar as coisas, querer transformar a fraqueza que é atribuída às mulheres, numa enorme força. E somos tanto mais subversivos quanto mais fugimos aos esquemas

tradicionais e isso desorienta as pessoas que nos querem catalogar.

— E o futuro? Encaram transformar-se em partido?

— Nunca. Se alguém quiser ser militante tem à sua disposição todos os partidos que já existem...

— O que preocupa neste momento a Rede de Mulheres?

— Tivemos recentemente um encontro em Coimbra para definirmos concretamente quais os problemas mais importantes que se colocam hoje às mulheres. E seleccionamos vários temas de reflexão: a mulher e a família, a Constituição, educação, homem-mulher: que relação?, o tempo e os tempos na vida das mulheres, mulheres transmissoras de vida — que vida?

— Consideraram que a questão da revisão constitucional é um problema imediato a ter em conta?

— Exactamente. Neste momento é muito importante a defesa da Constituição. A Constituição e todas as leis respeitantes às mulheres têm que ser defendidas a todo o custo. Acreditamos que até há legislação correcta no que diz respeito às mulheres, mas é preciso obrigar o Poder a cumprir as leis.

— Portanto, no imediato, querem ter uma palavra a dizer na revisão constitucional. E qual é o vosso objectivo prioritário a seguir?

— A questão do consumo. Repare que nós não somos ouvidas nem achadas naquilo que se consome. Até somos

utilizadas (na publicidade) para fomentar a sociedade de consumo. Ora nós exigimos ter uma palavra a dizer a nível do «como e o que se deve gastar». Atendendo ao papel da mulher nesta sociedade, acho que isto é o mínimo...

— Quem faz parte da Rede de Mulheres e como se caracteriza a vossa actividade no quotidiano?

— Temos na rede mulheres operárias, do meio rural, intelectuais, funcionárias públicas, etc. No interior, a rede chegou a mulheres ex-

traordinariamente isoladas. O trabalho varia muito. Um grupo organiza-se em grupos para alfabetizar outros grupos de mulheres, outras pretendem organizar-se para criar uma vida mais natural combatendo o consumismo, outras actuam individualmente.

— Falando de si. Quem é a Teresa Vasconcelos?

— Sou uma educadora de infância, do Porto. Trabalhei muito tempo em Viana do Castelo e agora estou de novo no Porto, fazendo uma experiência de animação infantil em meio rural que abrange várias aldeias do distrito do Porto.

— Já foi militante de algum partido?

— Nunca fui. Acho que posso participar politicamente sem estar num partido, embora considere que isso é importante. Por exemplo, se Maria de Lurdes Pintasilgo estivesse ligada a algum partido, nunca lhe tinham feito aquilo que fizeram...

— O que é para si o socialismo?

— Essa palavra já tem tantas conotações... Eu acredito que é possível construir uma

sociedade mais justa (os homens e as mulheres) e isso tem muito a ver com a mudança das actuais estruturas e sobretudo com a mudança da relação das pessoas: há muita gente que tem de perder privilégios...

— E isso que interessa à Rede de Mulheres?

— Interessa-nos muito a qualidade. Onde actuamos interessa-nos que haja um mínimo de qualidade. Somos contra a mediocridade...

Teresa de Vasconcelos. Ticha para os amigos. Com uma gargalhada cristalina, diz-me no final: «Então agora ando nos jornais? Isto vai prejudicar-me, a nível familiar, a nível profissional, mas que me interessa? Quem anda à chuva molha-se e o nosso objectivo não é o Poder».

Apesar disso, o seu nome andou por aí, embrulhado com insinuações mais ou menos pornográficas, a propósito da Rede de Mulheres. Neste momento, deve estar passando a palavra, de Bragança ao Algarve: defendam a Constituição! E coisas bem mais atrozes para as mentalidades escleróticas de políticos adeptos da mordaca. Mas a caravana lá vai passando: que passe bem!



«O nosso objectivo não é o Poder»

Nas acusações um estímulo

«REDE DE MULHERES» reforça intervenção

Se as notícias e acusações, por vezes grosseiras, que alguma imprensa ultimamente dedicou à «rede de mulheres» tinham por objectivo criar problemas ao movimento, tais intentos podem sair um pouco ao contrário. Com efeito, a «rede» em que é figura preponderante Maria de Lurdes Pintasilgo anunciou ontem a decisão de, face a essas notícias, «reforçar a sua intervenção social».

A «rede de mulheres» dos distritos de Lisboa, Setúbal, Castelo Branco e Leiria, em reunião este fim-de-semana, constatou que o «eco que tal tipo de notícias provocou não veio senão reforçar a convicção das participantes da rede quanto à sua intervenção social» — afirma um comunicado.

A situação das mulheres das zonas geográficas em que

vivem foi também objecto de análise, tendo-se procedido à «discussão dos obstáculos impeditivos da sua participação, enquanto mulheres, na construção da democracia social e política».

No encontro participaram mulheres de diferentes meios sócio-profissionais do meio rural e urbano e a ele esteve presente o ex-primeiro-ministro Maria de Lurdes Pintasilgo.

A «rede de mulheres» nasceu há cerca de um ano no Norte do país, tendo congregado mulheres de todos os distritos, interessadas numa «participação social activa» no meio onde se inserem.

Ultimamente a rede foi alvo de algumas críticas em alguns jornais diários, que lhe atribuíam a intenção de formar um partido político em torno de Maria de Lurdes Pintasilgo.

O lançamento da rede

Maria Helena Guimarães Costa, de Bucelas (Loures), quer saber novas, e morada, da Rede de Mulheres. Um biscato, cá pra gente, assim de repente. Se o Eurico Tiago, lá do Porto, tiver essa indicação, ou a morada da Ticha, e quiser e puder divulgá-la, lá lhe telefonaremos a dar a informação. O Maria Helena. A gente gosta de trabalhar prós leitores —

mas, deste jeito... não nos dá lá muito jeito.

Ponto, 19-11-1981

Nota à margem

Relativamente aos inquéritos enviados, sugerimos que seja um trabalho de fundo para este ano lectivo de 81/82, de modo a que se possa fazer um estudo sério sobre cada zona.

Nas acusações um estímulo

«REDE DE MULHERES» reforça intervenção

De as notícias e acusações, por vezes grosseiras, que se foram fazendo ultimamente sobre a «rede de mulheres» dedicadas a «trabalhar» em prol do objectivo claro e simples de promover o movimento das mulheres, não há dúvida de que os seus membros podem ser um pouco mais conhecidos. Com efeito, a «rede» em que se figura a presidente Maria de Lurdes Pintasilgo, encontra-se entre as mais activas e mais influentes da rede de mulheres, a sua intervenção social.

A «rede de mulheres» dos distritos de Lisboa, Beja, Castelo Branco e Leiria, em conjunto com a rede de mulheres do distrito de Setúbal, tem sido a mais activa e a mais influente na intervenção social das mulheres, a sua intervenção social é uma realidade.

A situação das mulheres nas zonas geográficas em que

estão localizadas também objecto de análise, tendo-se procedido à «avaliação dos obstáculos» à participação das mulheres no movimento social e político.

No entanto, participaram mulheres de diferentes meios socio-profissionais de modo a ser um pouco mais activa e mais influente a intervenção social.

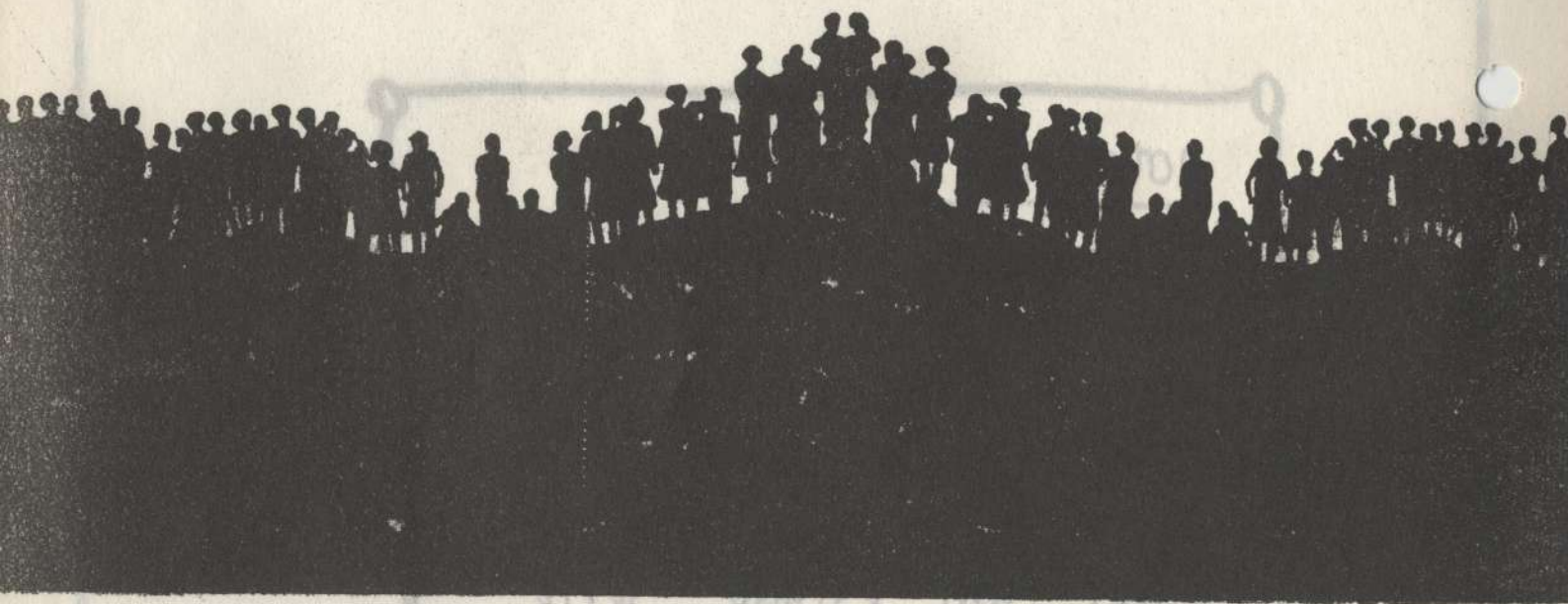
A «rede de mulheres» nas zonas geográficas em que estão localizadas também objecto de análise, tendo-se procedido à «avaliação dos obstáculos» à participação das mulheres no movimento social e político.

Entretanto, a rede de mulheres de Lisboa, Beja, Castelo Branco e Leiria, em conjunto com a rede de mulheres do distrito de Setúbal, tem sido a mais activa e a mais influente na intervenção social das mulheres, a sua intervenção social é uma realidade.

O lançamento da rede

Maria Helena Guimarães Costa, do Bureau de Mulheres, que aderiu ao movimento da Rede de Mulheres, foi a primeira a dar o exemplo, ao lançar a rede de mulheres, a sua intervenção social é uma realidade.

Ponto, 10-11-1981



Sobre cada zona